

# AMÁSCARA E O ROSTO: DISSIMULAÇÃO E VERDADE AS PERSPECTIVAS DE GASTON BACHELARD E FRANÇOIS DAGOGNET

Marly Bulcão<sup>1</sup>

**Resumo:** No texto intitulado *A máscara* Gaston Bachelard mostra como chegar, às raízes fenomenológicas da dissimulação/simulação, trazendo, assim, contribuições para o estudo da fisiognomonia, ciência que tem por objetivo chegar ao conhecimento da personalidade humana através da análise do rosto do indivíduo. O texto bachelardiano me remeteu, por sua vez, às teses que seu discípulo François Dagognet apresenta em sua obra *Faces, surfaces, interfaces*, na qual mostra em que consiste a ciência da fisiognomonia. O objetivo de nosso trabalho é, portanto, o de expor duas perspectivas diferentes sobre a análise fisiognomônica, procurando ressaltar, entretanto, que o texto bachelardiano extrapola as questões fisiognomônicas, na medida em que tem implícita uma preocupação primordial que é a de exaltar o processo de imagética criadora que permeia a interpretação das máscaras e que se impõe como uma das funções essenciais do ser humano.

Palavras-chave: Bachelard, Dagognet, máscara, fisiognomonia, imagética

---

<sup>1</sup> Pesquisadora Visitante Emérita da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (Bolsa da FAPERJ)



**N**o texto intitulado “A máscara” Gaston Bachelard nos coloca diante de uma pluralidade de pontos de partida fenomenológicos que constituem inevitavelmente contribuições importantes para a ciência da fisiognomonia, cuja preocupação é chegar ao conhecimento da personalidade humana através da análise do rosto do indivíduo. O texto bachelardiano me remeteu, por sua vez, às teses que seu discípulo François Dagonnet apresenta em sua obra *Faces, surfaces, interfaces*, na qual, partindo da crítica à atitude metafísica, exalta no capítulo intitulado *La demierreur physiognomonique* os estudos da fisionomia humana como um meio de chegar à interioridade do indivíduo.

O objetivo de nosso trabalho é, portanto, o de expor duas perspectivas diferentes sobre a análise fisiognomônica, embora seja necessário ressaltar que o texto bachelardiano tem implícito um objetivo maior, pois, extrapolando o simples estudo da fisionomia humana, pretende buscar as raízes da fenomenologia da dissimulação, para através desta exaltar o processo de imagética criadora como uma das funções essenciais do ser humano.

Por uma imposição da análise e da argumentação que regem a estrutura de nosso trabalho, vamos inverter a ordem cronológica, começando pelo discípulo, François Dagonnet que é considerado por alguns comentadores como o continuador da obra bachelardiana pelo fato de retomar do mestre certas categorias, desenvolvendo-as e aprofundando-as e, até mesmo, distanciando-se delas em certos momentos a fim de formular novas idéias que constituem marcos de seu filosofar inovador.

Achamos interessante começar pela perspectiva dagogniana para discutir a temática da máscara e do rosto e conseqüentemente da fisiognomonia, pois consideramos que o texto

bachelardiano sobre a noção de máscara apresenta análise mais abrangente que engloba questões bastante relevantes sobre a noção de dissimulação e de verdade, passando por meandros mais complexos, acrescentando, assim, mais subsídios para o estudo da fisiognomia.

Vamos, pois, confrontar duas perspectivas diferentes sobre os estudos fisiognômicos; a de François Dagognet, que se fundamenta em pressupostos importantes do pensamento do discípulo e a de Bachelard que traz uma contribuição inestimável para o campo da psicologia, na medida em que revela aspectos espontâneos da atividade da vida psíquica. Diríamos que a contribuição bachelardiana é importante na medida em que extrapola o próprio campo da psicologia, penetrando no campo da antropologia, levando, assim, ao conhecimento do ser humano em sua completude.

Em sua obra *Faces, Surfaces, Interfaces*, Dagognet defende a tese de que o visível traz em si a revelação daquilo que o objeto é na sua essência. Parte do princípio de que se deve salvar os fenômenos, detendo-se naquilo que é oferecido pela percepção, ou seja, no visível. Sua crítica à tradição filosófica revela com clareza em que consiste sua tese, pois mostra que Dagognet é um forte opositor dos pensadores que pretendem encontrar, através da metafísica, o sentido do mundo, propondo-se, assim, a buscar o ser que jaz oculto por detrás do aparecer fenomênico. Para Dagognet, a filosofia nasceu infectada, pois desde suas origens estabeleceu uma cisão perigosa dividindo o universo em dois, o inteligível e o sensível, acabando por depreciar ao longo de seu desenvolvimento este último, ou seja, o sensível, o corpo e a materialidade. Sua preocupação principal é, pois, resgatar, através da reflexão filosófica, os aspectos que foram menosprezados pelos filósofos como a forma, o sensível e o corpo.

Nesta mesma obra, Dagognet dedica um longo capítulo à análise da fisiognomia, definindo-a como a ciência que tem como finalidade o estudo da fisionomia a fim de chegar, através dela, à compreensão da interioridade do ser humano.

Depois de passar por vários cientistas e filósofos, entre os quais está Darwin que se preocuparam em estudar os aspectos exteriores dos animais e do homem, Dagognet retoma os estudos de Lavater, cientista de renome do século XX e que tinha por intuito fundar uma “semiótica” que ele próprio descreve em sua obra *L’art de connaître les hommes par la physionomie* como uma língua escrita pela própria natureza.

Dagognet deixa entrever no capítulo sua grande admiração pelo cientista. Mostra que Lavater, embora seja levado em alguns momentos de suas análises penetrantes a conclusões quase delirantes, conforme as palavras empregadas pelo próprio filósofo conseguiu chegar a idéias importantes no que diz respeito ao estudo da personalidade humana. Para isso empreendeu caminho um tanto ousado, contrariando, assim, posições defendidas por seus predecessores.

Conforme mostra Lavater, a ciência da fisiognomia consiste no estudo das manifestações mais ínfimas, dos menores detalhes manifestados no rosto do indivíduo e que são, segundo ele, árbitros da interioridade do sujeito, pois permitem revelar o que o indivíduo é em sua plenitude.

Dagognet aponta outra máxima defendida pelo cientista, cuja importância é inegável. Para Lavater, não há dois seres iguais (princípio dos indiscerníveis). Nesse sentido, é imprescindível saber distinguir as diferenças e apreender as especificidades materiais de cada ser. Conforme afirma Lavater, é evidente que estas diferenças exteriores da fi-

sionomia e da figura devem necessariamente ter uma certa relação, uma analogia natural com a diferença interior do espírito e do coração.<sup>2</sup>

Como se pode ver a fisiognomia é, para Dagognet, uma ciência que se utiliza da interpretação dos dados observados, da apreensão dos ínfimos detalhes, fundamentando-se, assim, no visível manifesto.

Vamos agora nos voltar para o texto de Bachelard sobre A máscara que está na coletânea O direito de sonhar. Trata-se de um texto que foi publicado pela primeira vez em 1957 como prefácio do livro do psiquiatra Roland Kuhn, intitulado: *Phénoménologie du masque*. Percebe-se claramente que o intuito do filósofo no referido texto é demonstrar que o caminho para a compreensão psicológica do ser humano está fundamentalmente ligado à questão da imaginação e da criação. A partir daí, Bachelard vai discutir o sentido fenomenológico da dissimulação, tomando para isso a noção de máscara. Mostra que é importante superar a tendência inicial que nos induz a interpretar a máscara através de uma psicologia fácil e imediata que nos faz concluir que o mascarado deseja, apenas, ocultar-se, realizando, assim, um ato de dissimulação. Nesse sentido, poderíamos dizer que o indivíduo mascarado, entrincheirado e oculto por detrás da máscara está querendo, apenas, ficar ao abrigo da indiscrição do psicólogo, cuja pretensão é penetrar em sua intimidade a fim de melhor compreender sua personalidade.

Uma psicologia que se detém neste engodo tão fácil, tão simples e tão imediato é, segundo Bachelard, bastante limitada. Segundo o filósofo existem recursos que permitem ampliar essa psicologia, possibilitando ao estudioso entrar,

---

2 DAGOGNET, François. *Faces, surfaces, interfaces*. Paris: J. Vrin, 1982, 106 p.

até mesmo, no campo da antropologia, dando, assim, mais consistência, ao estudo da noção de máscara. Voltando-se para a etnografia, por exemplo, poderíamos reconhecer a ligação da máscara com o instinto humano e desvendar a magia que envolve a noção de máscara e que o folclore consegue tão bem expressar.

Através de argumentação bastante perspicaz Bachelard mostra que, o primeiro aspecto a destacar na noção de máscara é o fato de que sua finalidade não é, apenas, a dissimulação, pois, segundo o filósofo, o indivíduo que se mascara não quer somente ocultar seu rosto. Pode-se dizer que a máscara representa a síntese de dois contrários: a dissimulação e a simulação. Se, de um lado, o ser mascarado encontrou refúgio e segurança num semblante que se fecha e oculta seu rosto; de outro, o ser mascarado tem a convicção de que aquele que o observa, está tomando a máscara por um novo rosto, o que significa que o ser mascarado deseja fundamentalmente simular ser um outro que não é. Nesse sentido, é imprescindível, para Bachelard, desenvolver o que ele denomina de uma fenomenologia da dissimulação, resgatando no ato de dissimular a simulação que lhe é inerente, ou seja, é importante remontar à raiz da vontade de ser outro que se é. Dessa forma, o verdadeiro sentido da dissimulação só pode ser alcançado quando compreendemos que aquele que se mascara não quer simplesmente ocultar-se, há paralelamente um desejo maior, o de ser outro, o de ser alguém diferente do que realmente é.

Cabe ressaltar, portanto, que a máscara, mesmo parecendo ser um objeto como outro qualquer, é algo bastante singular na medida em que se impõe como um novo rosto, como um rosto essencialmente artificial. A máscara, pelo fato de residir de forma obscura no psiquismo do ser humano torna-se

uma noção imprescindível para aquele que quer desenvolver uma psicologia da dissimulação/simulação. Conforme afirma Bachelard a partir do momento em que queremos distinguir o que se dissimula sob um rosto, a partir do momento em que queremos ler em um rosto, tomamos tacitamente esse rosto por uma máscara.<sup>3</sup>

O trajeto que uma fenomenologia deve percorrer é, pois, necessariamente partir do rosto para chegar à máscara e, em seguida, ir da máscara até o rosto. Somente assim, é possível esclarecer os diversos elementos da vontade de dissimulação. Pode-se dizer, que a proposta bachelardiana é a de nuançar a noção de máscara para que possamos perceber, assim, seus diferentes valores ontológicos e alcançar os instrumentos que vão nos ajudar no estudo da dissimulação.

No texto, Bachelard toma como ponto de partida para sua reflexão, o inventário dos instrumentos de pesquisa feito por Roland Kuhn e que estão reunidos, segundo o psiquiatra, nas pranchas de Rorschach. O teste psicológico adotado no mundo inteiro e que foi criado por Hermann Rorschach, tendo ficado conhecido pelo próprio nome de seu autor, tem como intuito fazer com que o indivíduo que se submete ao teste interprete as manchas de tinta que lhes são apresentadas. Rorschach criou dez pranchas, cinco em preto e branco e cinco em cores que dão ensejo às interpretações as mais diversas. O sujeito, ao observar as pranchas, uma após outra, interpreta-as, dizendo o que vê em cada uma. Tal procedimento permite ao psicólogo chegar ao conhecimento da vida intelectual e afetiva do intérprete. O inventário de Roland Kuhn mostra que a maior parte das pessoas que se submete ao teste interpreta as manchas de Rorschach como máscaras, o que nos leva à conclusão do

---

3 BACHELARD, Gaston. *Le masque* In *Le droit de rever*. Paris: PUF, 1970, 202 p.

quanto é importante a interferência de forças criadoras na interpretação das manchas.

O texto bachelardiano *A máscara*, nos remeteu a outro texto de Bachelard. Trata-se da obra: *L'air et les songes*, na qual o filósofo fala em um dos capítulos da interpretação das nuvens como sendo antiga fonte de inspiração mítica e poética, tanto no ocidente, como no oriente, pois suas formas imprecisas nos levam a ver nelas formas diferentes, assim como acontece com as manchas de Rorschach. Conforme afirma Bachelard em *L'air et les songes*, as nuvens são indutores de movimento pois levam a um mundo que se forma e que se une sob nossos olhos.<sup>4</sup> Logo no início do capítulo afirma que as nuvens são entre os “objetos poéticos”, os mais oníricos. São objetos de um onirismo do pleno dia. Determinam devaneios fáceis e efêmeros.<sup>5</sup> Mais adiante acrescenta que em resumo, o devaneio das nuvens recebe uma característica psicológica particular, é um devaneio sem responsabilidade.<sup>6</sup>

Acreditamos ser interessante retomar algumas passagens do capítulo de *L'air et les songes*, no qual Bachelard se refere às interpretações das nuvens, pois, assim como acontece com as manchas de Rorschach, esta potência formal do amorfo que sentimos em ação no “devaneio das nuvens”, esta total continuidade da deformação deve ser compreendida numa verdadeira participação dinâmica.<sup>7</sup> Através desta, o devaneio trabalha pelo olho<sup>8</sup>, mas, conforme afirma Bachelard no devaneio das nuvens a vontade de ver ultrapassa a passividade

---

4 BACHELARD, Gaston. *L'air et les songes*. Paris: José Corti, 1985, 217p.

5 BACHELARD, Gaston. *L'air et les songes*. Paris: José Corti, 1985, 212 p.

6 BACHELARD, Gaston. *L'air et les songes*. Paris: José Corti, 1985, 212 p.

7 BACHELARD, Gaston. *L'air et les songes*. Paris: José Corti, 1985, 216 p.

8 BACHELARD, Gaston. *L'air et les songes*. Paris: José Corti, 1985, 213 p.

da visão<sup>9</sup> e transforma o sonhador em mestre e profeta.

Voltando ao texto *A máscara*, vamos procurar mostrar em que consiste o verdadeiro sentido da fenomenologia da dissimulação. Para isso, é necessário retomar a distinção feita por Bachelard entre o que ele mesmo denomina de máscara real e o que denomina de máscara virtual. A primeira, a máscara real é o objeto material que o indivíduo usa para ocultar o rosto, enquanto o segundo, a máscara virtual é aquela que se impõe como resultado da interpretação das manchas de Rorschach. Segundo Bachelard, a máscara real não permite ao indivíduo se engajar verdadeiramente num processo de dissimulação, na medida em que aquele que se mascara é, na verdade, alguém que quer negar seu próprio ser, alguém que perdeu a consciência de sua vontade de máscara e, nesse sentido, perdeu seu próprio valor existencial, impondo-se, pois, como pura negatividade. A máscara virtual tem, por outro lado, a capacidade de desvelar o próprio devir da dissimulação, pois permite ao psiquiatra medir, de algum modo, a sinceridade da dissimulação, o natural do artificial.<sup>10</sup>

Considerando que os estudos de Roland Kuhn constituem um museu rico e ordenado das máscaras virtuais, Bachelard toma os estudos do psiquiatra como ponto de partida para a compreensão do sentido de fenomenologia da dissimulação. Mostra que só é possível desenvolver uma fenomenologia da dissimulação através das máscaras virtuais, na medida em que estas são virtualidades puras, oriundas da imaginação daqueles que as interpretam. Como não foi o psicólogo que gravou as máscaras nas manchas, analisando-as, chega-se à conclusão de que estas são o resultado de uma criação imagética do indivíduo que as interpretou.

9 BACHELARD, Gaston. *L'air et les songes*. Paris: José Corti, 1985, 213 p.

10 BACHELARD, Gaston. *Le masque* in *Le droit de rêver*. Paris: PUF, 2001, 203p.

Um aspecto interessante a ser ressaltado é o fato de que as máscaras virtuais não são fixas, pois é possível que, ao longo da interpretação, os indivíduos abandonem suas máscaras, substituindo-as por outras diferentes. Algumas vezes estes constroem máscaras a partir de recordações passadas e de vivências anteriores. Mas, para Bachelard, crítico voraz da memória, a consciência embebida de lembranças não é um terreno fértil para o estudo fenomenológico. Afirma que a consciência que se baseia em recordações é uma consciência passiva, calcada em simples repetições de vivências registradas pela memória.

As máscaras virtuais, resultantes da interpretação, devem ser, portanto, o ponto de partida para o desenvolvimento de uma fenomenologia da dissimulação, na medida em que pressupõem a criação imagética. Impõem-se como máscaras parciais, inacabadas, fugidias, incessantemente feitas e refeitas, conseguindo, assim, mostrar que a dissimulação é sempre uma conduta intermediária oscilante entre dois pólos: o oculto e o revelado. Pode-se concluir, então, que as máscaras virtuais, frutos da consciência sonhadora, constituem verdadeiras realidades psíquicas. Vejamos o que diz Bachelard:

De qualquer modo, essa revelação do passado será sempre a metade de uma psicanálise libertadora. Por isso, a máscara-lembrança será sempre menos instrutiva do que a máscara-vontade que aparece frequentemente na manchas de Rorschach. A máscara nos ajuda a afrontar o futuro. É sempre mais ofensiva do que defensiva (...) Se forçamos um pouco as relações entre a figura e o rosto, se integramos a máscara, parece que a máscara pode ser a decisão de uma vida nova.<sup>11</sup>

Outro aspecto relevante a ser destacado é que as máscaras,

---

11 BACHELARD, Gaston. *Le masque* in *Le droit de rêver*. Paris: PUF, 2001, 207 p.

resultantes das interpretações das manchas de Rorschach se apresentam em fragmentos, o que impede as sínteses muito facilmente globais, totalizantes que entregam cedo demais a unidade do diagnóstico.<sup>12</sup> Na verdade, a máscara virtual é resultado de um corte instantâneo num processo de dissimulação que, em lugar de revelar um passado, nos remete para o futuro, para o desdobrar-se de si mesmo, acenando com a possibilidade de se ser um outro diferente do que se é.

Nesse sentido, para Bachelard, os traços decisivos da fisionomia devem ser procurados no rosto que se revela, sob a forma de máscara, nas manchas de Rorschach, pois este é resultado de um processo imagético de criação que revela o que o indivíduo é no seu íntimo. As máscaras virtuais são, portanto, máscaras psicológicas, nós as apreendemos através de nossas interpretações. Pode-se dizer, que as máscaras virtuais assumem nossa decisão de ter uma fisionomia, são, na verdade, rostos falados.

Recorrendo à literatura para reforçar sua tese, Bachelard mostra que os rostos descritos por seus autores são, na verdade, máscaras virtuais, cada leitor pode ajustá-las de acordo com sua vontade, de acordo com seu desejo de ter uma fisionomia.

Para Bachelard, a fisiognomonía que se detém na simples observação dos aspectos do rosto é fruto de uma psicologia limitada. Para ele, a obra de Roland Kuhn serviu para mostrar o papel primordial da imaginação para a fenomenologia da dissimulação.

Gostaríamos, para finalizar, de ressaltar que, embora possa parecer numa primeira leitura, o texto bachelardiano *A máscara não é*, de forma alguma, um texto de psicologia,

---

12 BACHELARD, Gaston. *Le masque in Le droit de rêver*. Paris: PUF, 2001, 212 p.

o que seria estranho no contexto da trajetória do filósofo. Percebe-se claramente que o intuito de Bachelard é muito mais o de enfatizar a importância da imaginação e seu papel no desenvolvimento de uma fenomenologia da dissimulação. É, a nosso ver, com esse intuito que retoma a noção tão fascinante de máscara. Interpretando a máscara virtual conseguimos penetrar na zona da imagética humana. O importante é, pois, captar no texto o sentido que a noção de máscara traz subentendido, buscar o sentido imagético que jaz por detrás da noção de máscara, o dualismo dissimulação/simulação que lhe é inerente e que faz com que esta signifique a possibilidade do ser de se recriar a si mesmo a cada instante. A vontade de se mascarar representa, pois, a vontade de se renovar, a vontade de se reconstruir como um outro, como um ser diferente do que é, o que só pode ser feito através do processo imagético de criação.

Gostaríamos de finalizar nosso texto propondo ao leitor que reflita sobre as duas perspectivas apresentadas e que podem ser resumidas nas citações que apresentaremos a seguir. Dagognet, fiel aos pressupostos filosóficos de seu hiper-fenomenismo, propõe que a fisiognomonia deve se fundamentar na observação dos ínfimos detalhes faciais; Bachelard pretende seguir a trilha que aponta em sua vertente poética que é enfatizar o papel preponderante da imaginação e do processo imagético e criativo, mostrando que este deve ser também o caminho de constituição desta ciência peculiar que é a fisiognomonia.

Em Faces, surfaces, interfaces Dagognet afirma:

Sempre e em todos os lugares “o exterior” traduz, expõe “o interior” oculto. Esta ciência (a fisiognomonia) voltada para as superfícies e os contornos consiste no estudo das manifestações, as mais ínfimas, na atenção

das as menores aparências que abrigam o interior que de um golpe revelam Esta ciência, impondo-se como geral, aplica-se a todas as situações, tanto às coisas como aos seres; ela está na origem das artes e das técnicas, tais como a mineralogia, a medicina, a agronomia, está também em todas as ciências da natureza. “Todos os homens – e isto não pode ser posto em dúvida – escreve Lavater, julgam cada objeto, sem exceção, através de sua fisionomia, seu exterior, sua superfície dada.<sup>13</sup>

Em *Le droit de rêver* Bachelard nos ensina:

A máscara realiza, em suma, o direito que nos concedemos de nos desdobrar. Oferece uma avenida de ser a nosso duplo, a um duplo potencial ao qual não soubemos conferir o direito de existir, mas que é a própria sombra de nosso ser, sombra projetada, não atrás, mas adiante de nosso ser. A máscara é, então, uma concretização do que teria podido ser.<sup>14</sup>

---

13 DAGOGNET, François. *Faces, surfaces, interfaces*, Paris: J. Vrin, 1982. 105 p.

14 BACHELARD, Gaston. *Le masque* in *Le droit de rêver L'air et les songes*. Paris: PUF, 2001, 213 p.

## Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *L'air et les songes*. Paris: José Corti, 1985.

BACHELARD, Gaston. *Le masque* in *Le droit de rêver L'air et les songes*. Paris: PUF, 2001.

DAGOGNET, François. *Faces, surfaces, interfaces*. Paris: J. Vrin, 1982.